

através da qual pude contemplar as estrelas pálidas da manhã que se anunciava, acomodou-me num leito macio e, após aplicar-me passes reconfortadores, recomendou fraternalmente:

— Durma tranquilo.

E, sem saber como, entreguei-me ao repouso, encantado e feliz.

IX

Esclarecimentos

Acordando do estranho torpor em que me afundara, não conseguiria dizer quanto tempo repousei. Não classificava por sono comum o estado diferente em que permanecera imobilizado. Tratava-se de um repouso desconhecido. Meu corpo espiritual jazia prostrado no leito acolhedor; contudo, achava-me numa atmosfera reveladora e surpreendente. As imagens não vagueavam imprecisas, à feição do que acontece no sono vulgar, em que a pessoa, findo o sonho, é incapaz de qualquer consulta aos registos da memória.

Ali, os quadros que se haviam sucedido, claros e firmes, demoravam-se amplamente marcados em minha recordação.

Vi-me em criança, na terra em que nasci e recapitulei a peregrinação do Velho Mundo para a América, com uma riqueza de particularidades que me espantava, como se fôsse acontecimentos da véspera.

Revi, naquela maravilhosa e inexplicável digressão da mente, afetos preciosos e abracei meus pais, viajando através de lugares desconhecidos...

REANIMADO

Ao despertar, reencontrei o Irmão Andrade junto de mim. Creio ter-me-ia ele aplicado recursos fluídicos para que se me revigorassem as energias.

Não me achava refeito, de todo; entretanto, que alegre sensação de leveza eu experimentara agora!

Senti-me remoçado, otimista, contente.

Marta fez coro nos votos de felicidade com o estimado benfeitor que me prestava assistência.

Em poucos minutos, verifiquei, admirado, a necessidade de alimento.

Não experimentava a aflição dos estômagos famintos da esfera carnal. Sentia, no entanto, determinado enfraquecimento que sabia, de antemão, sanável pela ingestão de algum recurso líquido.

Minha filha compreendeu o que se passava, porque, daí a instantes, me trazia pequeno recipiente com certo suco de plantas de minha nova moradia.

Sorvi-o com alguma dificuldade, nele encontrando delicioso sabor.

A anemia cedeu como por encanto.

Encontrei bom ânimo para efetuar indagações. Não desconhecia que, em me reerguendo para contemplar o lindo dia a resplandecer lá fora, outra vida me aguardava, intensa e diferente.

Inevitáveis interrogações martelavam-me o cérebro e julguei oportuno valer-me dos préstimos do Irmão Andrade, de modo a formulá-las sem delonga.

Consultei-o quanto às probabilidades dos esclarecimentos que eu desejava e, de bom grado, colocou-se ao meu dispor, para as elucidações precisas.

O REPOUSO ALÉM DA MORTE

Contei-lhe que, ao descansar, não tive a impressão de dormir, qual o fazia no corpo de carne. Permanecera sob curiosa posição psíquica, em que

jornadeara longe, contemplando pessoas e paisagens diversas. Supunha, assim, não ter estado num sono propriamente dito.

Escutou-me atenciosamente, explicando-me, em seguida, que o repouso para os desencarnados varia ao infinito.

O Espírito demasiadamente ligado aos interesses humanos acusa a necessidade de amplo mergulho na inconsciência quase total, depois da morte. A ausência de motivos nobres, nos impulsos da individualidade, estabelece profunda incompreensão na alma liberta das teias fisiológicas, que se porta, ante a grandeza da espiritualidade superior, à maneira do selvagem recém-vindo da floresta perante uma assembleia de inteligências consagradas às realizações artísticas; quase nada entende do que vê e do que ouve, demonstrando a necessidade de compulsório regresso à tribo da qual se desligará vagarosamente para adaptar-se à civilização. Também os criminosos e os viciados de toda sorte, com o espírito encarcerado nas grades das próprias obras escravizantes, não encontram prazer nas indagações espirituais de natureza elevada, reclamando a imersão nos fluidos pesados e gravitantes da luta expiatória, em que a dor sistemática vai trabalhando a alma, qual buril milagroso aprimorando a pedra. Para as entidades dessa expressão, impõe-se torpor quase absoluto, logo após o sepulcro, em vista da falta provisória de apelos enobrecedores na consciência iniciante ou delinquente. Finda a batalha terrena, entram em período de sono pacífico ou de pesadelo torturado, conforme a posição em que se situam, período esse que varia de acordo com o quadro geral de probabilidades de reerguimento moral ou de mais aflitiva queda que os interessados apresentam. Terminada essa etapa,

que podemos nomear de *hibernação da consciência*, os desencarnados desse tipo são reconduzidos à carne ou recolhidos em educandários nos círculos inferiores, com aproveitamento de suas possibilidades em serviço nobre, não obstante de ordem primária.

Não ocorre o mesmo com o Espírito médio, portador de regular cultura filosófico-religiosa e sem compromissos escuros na experiência material; quanto maior o esforço das almas dessa espécie por atenderem aos desígnios divinos, no campo físico, mais vasta é a lucidez de que se fazem dotadas nas esferas de além-túmulo.

Enquanto a mente das primeiras é requisitada ao fundo abismo das impressões humanas, ao qual se agarram à semelhança de ostras à própria concha, a mente das segundas busca elevar-se, tanto quanto lhes permitem as próprias forças e conhecimentos. O descanso, pois, além da morte, para as criaturas de condição mais elevada, deixa, assim, de ser imersão mental nas zonas obscuras do mundo para ser voo de acesso aos domínios superiores da vida.

Finalizando a resposta, o Irmão Andrade asseverou que certas individualidades, não obstante exaustas no supremo instante do transe final, libertam-se da matéria grosseira e colocam-se a caminho de esferas divinizadas, com absoluta lucidez e sem necessidade de qualquer repouso tonificante, qual o compreendemos, em vista do nível de sublimação espiritual que já atingiram.

RECEBENDO EXPLICAÇÕES

Quando comentei a dolorosa surpresa que tive ante a paisagem escura e perturbada que atra-

vessáramos, o Irmão Andrade ouviu-me sem protestos e afirmou que realmente eram contristadores os reflexos da mentalidade humana, em torno da Crosta Planetária, acentuando, todavia, que a verificação não fornecia razões de alarme, de vez que, se um homem respira cercado pelas irradiações dos próprios pensamentos, o mundo — casa dos homens — se reveste das emanações mentais da maioria de seus habitantes. A residência do servo operoso revela-lhe as qualidades superiores, no trato e aprimoramento do lar, ao passo que o domicílio do trabalhador ocioso anuncia-lhe a ignorância e a preguiça no abandono ou no lixo com que se caracteriza. Vivendo encarnados no Planeta quase dois bilhões de individualidades humanas, esclareceu o benfeitor que mais de um bilhão é constituído por Espíritos semi-civilizados ou bárbaros e que as pessoas aptas à espiritualidade superior não passam de seiscentos milhões, divididas pelas várias famílias continentais.

Torna-se fácil, portanto, avaliar a extensão do serviço regenerativo além do túmulo, considerando-se que homem algum se transforma instantaneamente.

Compreensíveis, desse modo, se tornam as sombras que rodeiam a moradia da mente encarnada e as extensas organizações socorristas em que copioso número de missionários abnegados exercitam o amor e a renúncia, a piedade e a tolerância, entre milhões de Espíritos de baixa condição, à espera dos benefícios da lei reencarnacionista ou em aprendizado de virtudes rudimentares.

De relance, entendi a enormidade dos serviços redentores que se operam a distância da matéria carnal e experimentei imenso alívio!

Sim, havia trabalho, trabalho, trabalho...

Meditando, reconhecia que perdera tempo na Terra, mas algum lugar da vida nova me reservaria serviço salvador.

Quanto reconforto em semelhante perspectiva!

Pedi, logo após, ao amigo que me elucidava, esclarecimentos quanto à volitação.

Se o nosso grupo conseguira manter-se, acima da substância inferior, flutuando na direção do alto, porque não pudéramos sobrevoar o abismo, sem utilizar a ponte iluminada?

Afável, o Irmão Andrade explicou que o feito seria perfeitamente cabível se o grupo estivesse integrado apenas por entidades adestradas na vida espiritual, com as faculdades da volitação plenamente desenvolvidas, acentuando, porém, que a maioria dos recém-desencarnados que nos acompanhavam, longe estavam de ampliar as próprias possibilidades nesse terreno, pela densidade das paixões, embora sublimáveis, de que eram portadores. Em tais condições de desequilíbrio, seriam facilmente atraídos pelas forças temíveis das trevas, como náufragos que desconhecem a arte da natação. Em vista disso, com Bezerra à frente e utilizando as energias de vários companheiros, estabelecera-se determinada média de força volitante para todos os necessitados, que se amparavam aos irmãos mais aptos, fenômeno esse que se assemelha ao da distribuição das energias valiosas, mas limitadas, de um dínamo elétrico.

E na vida livre — concluiu o benfeitor paciente —, o magnetismo pessoal divino, humano ou perverso é uma fonte geratriz das mais importantes, nas expressões do bem ou do mal.

O PROBLEMA DO ESQUECIMENTO

Quando o benfeitor terminou, indaguei então acerca do meu próprio estado íntimo. Já que findara minha existência no veículo de carne, porque não reentrar na posse do passado? por que razão não lembrava o período anterior ao meu retorno à carne? porque me surpreendia, ante os espetáculos da vida livre, se da vida livre me ausentara, um dia, a fim de reencarnar-me? não seria a morte simples regresso da alma ao pátrio lar? em que causas se me enraizaria o esquecimento?

O Irmão Andrade ouviu-me sereno e informou que a reencarnação e a desencarnação constituem vigorosos e renovadores choques para o ser e que, se em alguns casos, era possível o reajustamento imediato da memória, quando a criatura já atingiu significativo grau de elevação, na maior parte das vezes a reabsorção das reminiscências se verifica muito vagarosa e gradualmente, evitando-se perturbações destrutivas.

Podemos simbolizar a mente numa casa suscetível de povoar-se com valores legítimos ou transitórios, quando não esteja atulhada de inutilidades e viciações. Alimentando-se na Crosta da Terra com muitas ideias e paixões não perduráveis, aproveitadas pelo Espírito apenas por material didático, a não ser em processo expiatório para esvaziar-se do mal ou da ilusão, não lhe é possível o mergulho indiscriminado no pretérito, medida essa que lhe seria ruinosa, mormente na ocasião em que se desenha o corpo denso, de carne.

Explicou que alguns companheiros usam excitações e processos magnéticos para adquirirem a lembrança avançada no tempo; no entanto, de acordo com a própria experiência, aconselhava submis-

são aos recursos da Natureza, de modo a retornarmos o pretérito com vagar, sem alterações de consequências deploráveis, até que, um dia, plenamente iluminados, possamos conquistar a memória integral nos círculos divinos.

X

Nova moradia espiritual

Decididamente, o paraíso de contemplação inalterável não era criação para mim.

As alegrias do retorno à espiritualidade enobrecida e o reconforto da palestra com o Irmão Andrade e Marta traziam-me, sem dúvida, infinito júbilo; todavia, ali mesmo, estirado no repouso do leito, sentia falta do serviço.

Sondava o reajustamento de minhas forças, reconhecendo que o cérebro não demonstrava o cansaço dos derradeiros dias do corpo de carne e as fadigas do coração jaziam extintas. Dentro de meu ser lavrava bendita renovação.

Pretendia rogar trabalho com aproveitamento de minhas possibilidades na ação útil, contudo, receava. Ignorava se minha pobre tarefa no mundo fora aprovada pelos poderes superiores. E, no íntimo, eu não desconhecia os meus próprios erros.

Como solicitar admissão às obras elevadas se não basta a boa intenção para servir com eficiência?

Estimaria sair da câmara e ver o quadro, lá fora.

Respiraria, desse modo, o abençoado clima da atividade mental, observando, de antemão, quais seriam minhas probabilidades no futuro próximo. Apesar dos impositivos de trabalho que me torturavam o pensamento, deliberei calar.

Eu era, agora, um homem distanciado do leme. Asilara-me em outra embarcação e em outro mar, sob o patrocínio da generosidade alheia.